

PARÂMETROS PARA A RELEVÂNCIA E PROCEDIMENTOS PROJETUAIS PARA CENTROS CULTURAIS

FIORAVANTI JUNIOR, Júlio Cezar.¹
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata.²

RESUMO

A presente pesquisa visa embasar por meio de conceitos os parâmetros necessários para a elaboração de um Centro Cultural. O objetivo geral Baseia-se em exposições que servem de pretexto e amparam a elaboração para esta tipologia arquitetônica. A problemática refere-se à formulação de conceitos que possam representar arquitetonicamente a importância e relevância que um Centro Cultural exerce na sociedade atual, tal como seu prestígio instrutivo que evoluiu com o passar do tempo, para que, desta forma, o conjunto dos desígnios premeditados, sejam capazes de transformar a experiência genuína obtida *in loco*, numa nova perspectiva expressiva da vida em si, reestruturando a maneira de se encarar a realidade da natureza. Por intermédio da coleta de dados, obtidos através do método da pesquisa bibliográfica, compilou-se uma multiplicidade de princípios que teorizam sobre a cultura, sua importância na sociedade, sua relação com a arquitetura, métodos para um arranjo espacial do *layout* e da forma, para que fiquem em conformidade com as idealizações que o tema proposto pretende alcançar, alguns fundamentos ecológicos que poderiam melhorar a qualidade ambiental, bem como diminuir a degradação do meio ambiente e influência do planejamento urbano no turismo cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Centro Cultural; Fundamentação teórica; Arquitetura Ecológica;

PARAMETERS FOR THE RELEVANCE AND PROCEDURES PROJETOAL FOR CULTURAL CENTERS

ABSTRACT

This research aims to base through concepts of the required parameters for the development of a Cultural Center. The overall objective is based on exhibitions that serve as a pretext and support for the development to this architectural typology. The problematic refers to the formulation of concepts that can represent architecturally the importance and relevance of a cultural Center has on the today's society such as its instructive prestige that has evolved over time, so that thereby, the set of premeditated intentions are able to transform the genuine experience obtained on site, in a expressive new perspective of life itself, restructuring the way to face the reality of nature. By means of the data collection obtained through the bibliographic research method, compiled up a multiplicity of principles that theorizes about culture, its significance in society, its relationship with architecture, methods for a spatial arrangements of the layout and form, so that they are in conformity with the idealizations that the proposed theme intends to achieve, some ecological foundations that could improve environmental quality and reduce the degradation of the environment and the influence of urban planning in the cultural tourism.

KEY-WORDS: Cultural Center; Theoretical foundation; Green architecture;

1. INTRODUÇÃO

Existe uma falta de discernimento satisfatório acerca da importância que a cultura exerce e o seu incomensurável fator humano, que, teve grande papel na manutenção e propagação da raça humana enquanto sociedade que subsiste no planeta. O assunto da abordagem é o Projeto arquitetônico e neste interim, a investigação corrente tem sua temática fundada em um compêndio de considerações, que versam sobre questões pertinentes e circundantes à elaboração projetual mais recomendada aos Centros Culturais, a fim de atender às necessidades funcionais requeridas para o tema, no intuito de serem mais eficazes no processo de transformação mental e cultural da sociedade e, também com a finalidade de cooperar na manutenção do meio ambiente com a adoção de soluções mais ecológicas.

A justificativa da imediata incumbência acadêmica surge da profunda reflexão conceitual defendida por Milanesi (2003, p.172), que versa: “um espaço que seja a simbiose, o amálgama torturado das relações humanas, parece ser próprio à Cultura e desejável como proposta”. A problemática remete à implantação de um espaço público de cunho cultural, que arquitetonicamente possa englobar e relacionar os aspectos funcionais à forma, à acessibilidade universal, ao terreno, bem como ao seu entorno, com o intuito de que essa inter-relação de fatores naturais e humanos, possa desenvolver uma mentalidade preservacionista aos usuários, assegurando a cultura e um ambiente de melhor qualidade para as próximas gerações.

Desta forma, o objetivo geral da pesquisa recai no embasamento da elaboração, na categoria projetual, de um local público de representatividade cultural e, para assegurar a efetividade da realização de tal empreitada, objetivos específicos que se fazem necessários, são: a) Encaminhar o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema, sob a ótica de quatro aspectos que são importantes para a concepção de um projeto arquitetônico fundamentado: História e Teorias, Projeto Arquitetônico, Planejamento Urbano e Tecnologias; b) Investigar a relevância da cultura em relação à sociedade e a arquitetura; c) Fundamentar a concepção espacial de um centro cultural inserido na malha urbana e o papel de

¹ Acadêmico de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz, formando em 2015. E-mail: julio_fioravanti@hotmail.com

² Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional. Membro do GEPEC – Grupo de Pesquisas em Agronegócios e Desenvolvimento Regional da UNIOESTE, Professor titular das Faculdades Assis Gurgacz e Dom Bosco. E-mail: eduardo@fag.edu.br

tecnologias que poderiam melhorar a eficiência energética e o conforto térmico para o desenvolvimento do tema proposto.

Para encaminhar metodologicamente a atividade adotou-se a pesquisa bibliográfica, abordagem esta defendida por Rampazzo (2005, p.53), que a define como sendo a tipologia de pesquisa que busca a explicação dos fatos e problemas com base em referências previamente publicadas em livros, revistas, etc., o referido autor explica também que qualquer pesquisa, em qualquer área do conhecimento, depreende uma pesquisa bibliográfica precedente, quer para o levantamento de dados sobre uma determinada situação, para sua fundamentação teórica ou para justificação dos limites e contribuições de tal pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O embasamento teórico dá suporte e ampara as ideias que o arquiteto propõe em suas criações durante o exercício mental que ocorre durante o desenvolvimento da atividade projetual (CARPINTEIRO, 2008, p.49-50).

A seguir, estão alguns tópicos acerca dos temas da pesquisa para a compreensão e da importância do mesmo.

2.1 HISTÓRIAS E TEORIAS

2.1.1 Concepções acerca da cultura

Santaella (2003, p.30), explica que a cultura pode ser determinada através de vários conceitos, contudo, existe uma ideologia que é comum em relação à sua grande variedade de conceituação. Tal preceito é definido de maneira que a cultura é algo que deve ser conhecida pelas pessoas. É um aprendizado que permite a adaptação dos grupos em determinados ambientes, podendo ser a manifestação de padrões de pensamentos, objetos, materiais e comportamentos.

Para a autora referida (p.43), a análise cultural poderá ser estudada unicamente através do contexto histórico pois seus elementos são dados por criações que se difundem em costumes e crenças. A perpetuação de tais conhecimentos é passada entre os povos que criam assim a relação cronológica entre as civilizações e culturas.

No que tange a aceção do termo 'cultura' relacionando-o com questões antropológicas e sociais, Eduardo e Castelnou (2007, p.108) afirmam que a cultura pode ser determinada por uma complexidade de hábitos, ideias e criações feitas pelo ser humano durante o convívio social com diversos grupos humanos, podendo esses grupos ser os mesmos da nascença ou novos grupos conhecidos.

Santos (2006 p.41) afirma que as culturas são o produto de uma história particular, é a transformação da realidade através de palavras, ideais, doutrinas, teorias e práticas costumeiras que se relacionam com outras culturas e que diferem entre si. A importância de tal estudo é dada no âmbito em que a cultura busca o entendimento das coisas e sua influência em determinada sociedade, as atividades e práticas em grupo. Em continuidade com o pensamento do autor citado (p.47), a cultura é algo em contínuo desenvolvimento, não irá cessar, pois algo que é cultural nunca é estagnado, a cultura relaciona-se com parte da realidade onde a mudança é um aspecto essencial para a evolução.

2.1.2 Símbolos no processo cultural

A arte articula relações entre indivíduo e sociedade, utilizando-se para isso de um caráter linguístico particular e apropriado para o desenvolvimento de suas abordagens. Uma dessas convenções codificadas é o próprio simbolismo inserido dentro um determinado período ou movimento artístico. (GALCERAN, 1981 p.128)

Para Santos (2006 p.41,42), a cultura agrupa os processos de simbolização de uma sociedade, fazendo com que as coisas possam ser substituídas por algo que tenha um valor de significância, permitindo desta forma que ideias possam expressar acontecimentos ou descrição de paisagens. É através do processo da simbolização de elementos que o conhecimento é condensado e as informações são entrelaçadas e transformadas.

2.1.3 Arquitetura enquanto veículo cultural

A arquitetura expressa em suas composições formais e de significados o conjunto e o ideário de uma sociedade, pois, atua também, como a manifestação do elemento artístico e cultural do ser humano (SIQUEIRA, 2001).

Arquitetura é o compendio de elementos aos quais podem ser relacionadas com a construção. Suas técnicas organizam a entidade social e política denominada cidade, mas, a arquitetura em si só não estrutura a cidade e torna as questões simbólicas implícitas em suas formas mais significativas. A arquitetura é uma expressão representativa da arte e a pintura é figurativa. (ARGAN, 1998, p.243)

2.1.4 Edifício Cultural

Milanesi (1997, p.29), afirma que um centro cultural não segue um modelo e sim as tradições de uma região que são determinantes para sua concepção formal. Quanto mais forte forem às tradições, mais evidenciada será a sua arquitetura. O que difere o centro cultural de outras tipologias da construção é que, um centro cultural agrupa produções de cunho artístico e a pessoa que adentra tal espaço voltado à arte, vivencia experiências diferentes, revendo a si mesmo em sua relação com o mundo.

Cada agrupamento humano possui uma realidade específica e complexa, tais características que os relacionam ou os diferem entre si, são expressas pela cultura. Cada local tem sua lógica interna, fazendo-se *mister* conhecê-la, para que assim seja possível entender suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais passam tais locais. Necessário é também relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos pelos quais são criados, pois as diferenças que podem ser analisadas são percebidas pelas peculiaridades culturais intrínsecas de cada povo. (SANTOS, 2006, p.07-08)

A Biblioteca é a instituição mais antiga que pode ser relacionada com os conceitos de centro cultural, sua origem é dada no momento em que o ser humano passou a armazenar em locais específicos sua cultura, o conhecimento, em forma de papiros, pergaminhos e papéis. O local tem sua origem nos tempos de Cristo, em Alexandria e, teve grande importância nos mosteiros medievais. Era um local onde o saber humano estava localizado. (MILANESI, 1997, p.24)

2.1.5 Arte como elemento cultural

Mesmo sem possuir uma clara compreensão lógica à respeito do conceito, é possível identificar elementos de produção cultural como arte, entretanto, os povos possuem opiniões diferentes à respeito da arte em si. (COLI, 2002, p.08)

Argan (1998, p.87) instrui que as obras de arte são responsáveis por caracterizar o contexto histórico de um local. A descaracterização da tradição artística do contexto atual favorece crises e neuroses coletivas, uma vez que, a manifestação artística dá a ideia de espaço, tempo e do local, tornando assim positiva a relação entre indivíduos e ambiente.

Vigotski (2001, p.09) sustenta a ideia que, com o passar do tempo vai-se tomando consciência que a arte será apenas objeto de análise científica quando a mesma passar a ser considerada uma função vital da sociedade e sua permanente relação com todos os outros campos da vida social bem como de seu condicionamento histórico.

A obra de arte não deve ser utilizada como documento histórico ou sociológico sem um prévio estudo de seu valor documental e da sua relação com um dado contexto de fenômenos sociais (MUKARÖVSKÝ, 1988, p.14). De acordo com Milanesi (1997, p.188) a história e a vida de um ambiente coletivo são mais bem representadas através de atividades de cunhos culturais. As escolhas dos temas devem ressaltar a preocupação de contextualização do grupo à cidade, contudo, a obra de arte, como qualquer outro elemento simbólico, pode ter uma relação direta ou indireta com a coisa ao qual a mesma designa, mas sem deixar de se lhe referir.

2.2 ARQUITETURA E URBANISMO

2.2.1 Espaço e espacialidade

A arquitetura, conceitualmente falando, poderá ser analisada por aspectos como forma, função, materiais, espaço e escala, entretanto o que difere a arquitetura das demais manifestações da arte é a sua intrínseca relação com o espaço interno. Tal elemento é sua característica mais primordial uma vez que as pinturas atuam sobre duas dimensões e a escultura atua sobre três dimensões, mas na pintura e na escultura, o homem permanece como observador externo e as obras de arquitetura podem ser relacionadas à uma grande escultura, escavada para que possibilite a interação do ser humano com o local (ZEVI, 2000)

Zevi (2000) declara que a arquitetura não é apenas um conjunto de medidas e distâncias, determinadas entre os elementos que serão construídos para facilitar o serviço dos responsáveis pela execução da obra e sim consiste no espaço criado entre os elementos supracitados. É o vazio que permite a inserção humana no contexto arquitetônico que não é apenas arte nem só imagem de uma vida histórica ou vivida, é o ambiente e a cena onde vivemos a nossa vida.

O elemento que define a boa qualidade ou não de uma obra, é sua relação com o espaço interior, uma vez que a arquitetura definida sendo de boa qualidade é aquela cujo espaço interior nos eleva espiritualmente, é atrativo e nos agrada, em contrapartida, a arquitetura designada como ruim é a tal qual o seu espaço interno, trás aborrecimento e nos repele. O valor de uma obra não é dado apenas por questões concernentes aos aspectos da espacialidade interna, e sim também aos fatores sócio culturais, econômicos, artísticos e decorativos, pois cada edifício é caracterizado por uma pluralidade de particularidades. (ZEVI, 2000)

2.2.2. Iluminação como elemento projetual

Segundo Lima (2010, p.105-106), a luz tornou-se uma ferramenta muito utilizada pelos arquitetos, é usada na definição de espaços, demarcação de volumes e criação de atmosferas, pode ser também uma maneira apresentar a edificação de formas diferentes sem modificar com isso as suas estruturas. A iluminação tem a capacidade de mudar a percepção que temos dos objetos. Em continuidade com o pensamento do autor supracitado (p.108-109), a volumetria dos elementos é composta da relação luz e sombra, sobretudo da sombra e é através da história da arquitetura que é ensinada a utilização da iluminação a favor do homem. Com o passar dos tempos, nos templos gregos, o ritmo das colunatas diminuía a intensidade da luz natural e no Panteão a iluminação era proveniente de uma abertura circular no teto, no centro da edificação que refletia nas paredes laterais dando um uma qualidade difusa à iluminação.

2.2.3 Diretrizes projetuais para centros culturais

Para Neves (2013), o arquiteto responsável pelo planejamento de um centro voltado à cultura, tem como tarefa conceber um espaço para o acesso ao conhecimento, à convivência humana, às discussões e criação, pois, conforme Milanesi (2003, p.199) assevera: “A riqueza de um projeto está na integração desses elementos e na forma como esses espaços se relacionam”.

Simultaneamente com as questões supracitadas, o desenvolvimento do projeto para um centro cultural, deve levar em consideração, três parâmetros para a idealização do espaço físico, conforme Coronio e Muret (1976) *apud* SILVA (2013, p. 46) determinam, sendo a polivalência. Nesse sentido, o espaço deve ser planejado para receber diferentes atividades e as mesmas devem adaptar-se umas às outras, a banalização, que torna o edifício acessível para portadores de necessidades especiais bem como a qualquer público e a integração, que visa à articulação espacial, fazendo que o espaço desperte a atenção para outras atividades, assim, desenvolvendo novas aspirações de práticas culturais.

Sabe-se que para a elaboração de um partido arquitetônico é necessário à busca por tecnologias inteligentes, voltadas ao desenvolvimento e eficiência com baixa taxa de degradação ambiental.

2.3 TECNOLOGIAS

O que se entende por progresso de uma sociedade, está intrinsecamente relacionado com o desenvolvimento tecnológico, e durante a prática do desenvolvimento da arquitetura, os conceitos de técnica e tecnologia estão inseridos no processo de criação projetual. (MASCARÓ, 1990)

De acordo com Avezum (2007), a relação entre desenvolvimento e tecnologia é um fator de transformação social que atinge todas as áreas da sociedade, incluindo também as atividades da arquitetura e a esfera ambiental. Conforme a sociedade desenvolve-se tecnologicamente, sua integração com a natureza vai gradualmente diminuindo. As consequências disto refletem nas relações entre o ser humano, natureza e arquitetura, através de conceitos tecnológicos que surgem a partir da revolução industrial.

O autor referido afirma também que a busca incessante pelo desenvolvimento tecnológico, que ocorreu durante o século XX em decorrência da revolução industrial, faz com que grandes centros urbanos eclodam, e com tais locais, emergem em concomitância grandes problemas naturais. Surge aí a cultura progressista, que idealiza a máquina como o mecanismo que proporcionaria conforto e bem estar, entretanto. Em pouco mais de cem anos, esses eventos conseguiram alterar o equilíbrio natural do planeta.

Entende-se que a preocupação contemporânea por um desenvolvimento sustentável é decorrente da degradação ambiental, resultante de decisões que tinham por objetivo uma busca por um desenvolvimento “equivocado”. Costa (1997), afirma que o homem é o elo coerente entre o micro e o macrocosmos, ambos sendo fenômenos naturais e que os produtos concebidos, são a correspondência do fenômeno natural tangível. Explica também que o desenvolvimento científico e tecnológico não se opõe a natureza, pois são peculiaridades latentes evidenciadas através do intelecto humano, dentro do estado de lucidez e consciência através da própria natureza.

A explicitação acerca do papel do ser humano enquanto intermediário entre natureza e tecnologia, já era investigada durante o processo arquitetônico no passado, em contrapartida, foi através do desenvolvimento tecnológico que foram proporcionados meios para que houvessem inovações arquitetônicas. Pelo intermédio da consciência de um número pequeno de profissionais que possibilitou a inclusão do chamado “projeto ecológico” no mercado (AVEZUM, 2007).

Derivando do anseio de que a arquitetura possui papel substancial no desenvolvimento sustentável, supõe-se que a criação de projetos arquitetônicos, ou de outras áreas de produção de ferramentas, objetos para o uso humano, detém em seus processos os avanços tecnológicos adaptados, ou no mínimo, conserva as opções de tecnologia de um determinado tempo ou região. O acréscimo de elementos tecnológicos no meio de produção do espaço arquitetônico, cria novas alternativas e melhores espaços habitáveis, bem como o consumo de novos materiais, técnicas, estéticas e a inclusão da arquitetura na qualidade de sustentáculo ambiental, socioeconômico e cultural (SPERLING, 2004).

Portanto, a proposta pretendida deve ser analisada conforme as tendências tecnológicas contemporâneas, que vise à diminuição dos efeitos nocivos causados à natureza, através de uma escolha consciente de materiais, anelando assim uma arquitetura que busque níveis de sustentabilidade.

2.3.1 Sustentabilidade e a Arquitetura

Os estudos concernentes às questões de sustentabilidade são relativamente recentes. A definição precisa do termo é uma tarefa custosa, pelo fato das caracterizações ainda estarem sendo aplicadas e analisadas em áreas distintas, tendo sido primeiramente verificada na esfera ambiental, e posteriormente, nos âmbitos econômicos, sociais e políticos, dificultando ainda mais a incumbência pela delimitação conceitual do vocábulo “sustentabilidade” (AVEZUM, 2007).

O argumento primordial sobre sustentabilidade é preservado dentro das premissas estipuladas pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, esclarecendo que, o desenvolvimento tido como sustentável, é o que segue às necessidades contemporâneas, sem prejudicar a expectativa das próximas gerações de satisfazerem suas próprias necessidades (CMMAD, 1991).

Conferências sobre temas sustentáveis começaram a ter destaque internacional durante a década de 1970, naquele tempo já era possível uma análise de pensamentos ambientalistas nas correntes arquitetônicas denominadas como “ecológicas”, tais eventos, atualmente, ocorrem com mais intensidade em virtude das solicitações por proposições sustentáveis desde então (CASTENOUL, 2008)

O desenvolvimento da arquitetura sustentável é oriundo de arquitetos ecocentristas motivados por um movimento ambiental e filosófico chamado *Deep Ecology*. Tal movimento defende a tese que a interferência humana, com a destruição de elementos da natureza representa uma ameaça a todos os seres vivos. Em virtude disso, estes arquitetos passam a sugerir a recuperação de costumes antigos, dão valor ao papel de povos indígenas e resquícios de culturas tradicionais que se utilizam de materiais naturais e técnicas artesanais, propondo a reintegração de princípios do passado, nos quais, a humildade do viver predispõe soluções mais econômicas (PESCI, 2000 *apud* CASTENOUL, 2008).

Seguidamente, surge o movimento do *Green Architecture*, que tinha como finalidade a conciliação de costumes antigos juntamente com as novas possibilidades modernas, utilizando-se para isso de tecnologias consideradas “limpas” e recursos renováveis. Passou-se a ter pretensão pela a eficiência energética das construções, a exata especificação dos materiais, a proteção da paisagem natural, o planejamento territorial bem como do reuso de edifícios existentes em estado de degradação, visando dar-lhes uma nova função (WINES, 2000 *apud* CASTENOUL, 2008).

Por fim, a intitulada *eco-tech architecture*, extensamente disseminada nos anos 90, justifica o uso da alta tecnologia na minimização dos impactos ambientais, consumindo para isto, sistemas computacionais capazes de serem autogestores. As pessoas que defendiam o uso de tal sistema tecnológico aceitam a ideia de que, para que exista progresso, faz se necessário a perda de algo para a obtenção de conforto e bem-estar. Assim, através da tecnologia é que pode ser encontrada a segurança da qualidade ambiental. Tais pensamentos relacionam-se com o ambientalismo moderado, visto que se enquadram às regras mercadológicas que associam biotecnologias no âmbito político e econômico (SLESSOR, 1997 *apud* CASTENOUL, 2008).

2.3.2 Ecoedifício: Conceitos e Práticas

O pensamento intrínseco nas correntes arquitetônicas, que se amparam em teorias orientadas à sustentabilidade, é utilizar o conceito de “Ecoedifício”. A determinação deste termo supõe a ideia de conciliação entre o ecossistema natural e o edifício. Paolo Soleira, arquiteto, foi o responsável pelo entendimento em relacionar tais elementos, logo após, Benjamin de Carvalho, em profunda análise a respeito do edifício, mediante conceitos ecológicos contemporâneos, pôde designar o termo “Ecoarquitetura”, que alude à trinômia casa, homem e clima (ADAM, 2001)

Assim, concebe-se a noção que o Ecoedifício é um conceito dinamizado e progressivo, que agrupa indivíduo, edifício e ecossistemas, possibilitando uma inter-relação harmônica. Para tal fim, o arquiteto deve compreender a acepção da ecologia enquanto estudo do habitat e seus seres. (ADAM, 2001)

Na medida em que os projetistas vão se apropriando do pensamento e do entendimento sobre os conceitos de habitat, suas concepções projetuais serão respaldadas em aspectos técnicos aliados a questões ecológicas juntamente com valoração cultural. Considerar, o edifício como uma composição entre tecnologia, biologia e forma, tornando-o mais respeitoso perante a natureza. Profissionais que empreendem estes pensamentos em suas idealizações, buscam na ecologia a explicação filosófica para a legitimidade da sua expressão artística, pois para eles, cada edifício adapta-se de maneira singular dentro de um contexto geral (EDWARDS, 2001 *apud* AVEZUM, 2007).

Com a pretensão de obter-se o tal equilíbrio harmônico, recomenda-se o entendimento sobre de que maneira existe a interação entre o ser humano, o ambiente bem como da resultante gerada pelo produto arquitetônico, é importante também realizar uma análise sobre os sentidos humanos e das percepções que os decorrem, visto que o ser humano interage a níveis subjetivos e objetivos com o ambiente. (ADAM, 2001)

Em continuidade com o pensamento do autor supracitado, a análise de tais sentidos referem-se à avaliação de conceitos como ergonomia, símbolos, escalas, radiações nocivas bem como de qualquer tipo de poluição, seja visual, atmosférica, sonora e de odores, em suma, todo e qualquer aspecto que se relaciona com o usuário e sensibiliza o mesmo a nível consciente ou inconsciente.

Conforme o pensamento de Corbella e Yannas (2003), o conceito de Ecoedifício não é o único ao qual a ideia de interferência sobre entorno e o usuário recai, tal concepção abrange todas as correntes que versam sobre a arquitetura sustentável, visto que tal classificação arquitetônica é a continuação mais autêntica da Bioclimática, que também considera a inter-relação da edificação com a totalidade do ambiente, para torná-lo assim fragmento integrante de um complexo maior.

Ainda, para os autores supracitados, tal seguimento arquitetônico tem por anseio, o desenvolvimento de projetos que têm por objetivo, melhorar a qualidade de vida dos envolvidos no ambiente construído e ao entorno imediato, relacionando características do clima local à vida, consumindo menos energia para a aquisição de conforto ambiental, deixando como herança, um legado de um mundo menos degradado para as gerações futuras.

O respaldo da salubridade ambiental, bem como da segurança, a última afirmada por princípios de integridade física e mental das pessoas, dos direitos à saúde, bem estar, ambiente seguro físico e socialmente, é garantido pela ideia de conforto, que certifica a qualidade de vida dos usuários (ADAM, 2001).

No mesmo interim, a garantia para que a edificação seja coadjuvante no processo de desempenho térmico, advém das variáveis arquitetônicas, de forma que, tais variáveis, diferem das demais, visto que podem ser calculadas, elaboradas e desenvolvidas pelo ser humano. São elas, a implantação, os tipos de fechamento, os sistemas de condicionamento lumínico e de climatização que, se relacionam e interagem de forma simultânea ao ambiente e ao ser humano. (LAMBERTS ET AL., 1997)

Os fatores ambientais são os responsáveis pelo agenciamento de tais variáveis, exemplo disso, é a observação de práticas arquitetônicas em regiões que possuem estações quentes e frias bem demarcadas. No frio, a quantidade de radiação solar é incrementada, evitando assim a perda de calor causada pela deficiência no isolamento térmico e, no verão, a ventilação natural é valorizada e a grande incidência solar é evitada (ADAM, 2001).

De acordo com o pensamento de Frota e Schiffer (2003), a tentativa de adequar a arquitetura em um específico clima e local, exprime a ideia de construir espaços que possibilitem ao usuário, condições necessárias para seu conforto térmico, e que a tal concepção espacial, possa ser capaz de reduzir os efeitos desconfortáveis causados por climas rigorosos, que são o excesso de calor, frio ou vento, sendo apta também de proporcionar ambientes equivalentes no quesito conforto com os espaços ao ar livre em climas amenos.

Outra prática adotada no uso do Ecoedifício é a apropriação das propriedades térmicas encontrada nos vegetais, utilizando-os nas coberturas e paredes verdes. A camada vegetal sintetiza as radiações provenientes do sol, que incidem com maior intensidade no verão e, quando as folhas caem, no inverno, as paredes e coberturas são responsáveis pela absorção das cargas térmicas da construção (ADAM, 2001).

De uma forma geral, o conforto estabelecido pelos Ecoedifícios deve atentar para demais questões, além das que já foram mencionadas acima, sendo:

a) Forma

A concepção formal da arquitetura possui grande influência nas questões de conforto térmico e no consumo de energia, visto que possui interferência direta sobre os fluxos de ar interno e externo, canaliza e ou dispersa os ventos, dependendo da necessidade. A forma do edifício também é importante na incidência de radiação solar das superfícies externas, que por sua vez pode variar a taxa de intensidade luminosa de acordo com o seu formato (LAMBERTS et al., 1997).

De acordo com Bogo et al. (1994), um planejamento apropriado dos detalhes que dizem respeito à forma, como o *layout*, orientação solar minuciosa em concomitância com posicionamento ideal dos cômodos, bem como a conveniente localização de aberturas, contribuem para o aperfeiçoamento das condições de conforto térmico, colaborando também com a ventilação cruzada dos ambientes ou com o ganho de calor térmico durante o inverno.

Em continuidade com o pensamento do autor referido, é necessário tomar precauções quanto aos dispositivos de sombreamento, para que os mesmos sejam utilizados evitando a penetração excessiva da radiação solar durante o período do verão e que, no inverno, a radiação possa aquecer passivamente as salas. Os telhados devem estar posicionados para a correta orientação e inclinação, para que, aliados à ventilação cruzada, tais elementos melhorem as condições para o conforto interno da edificação.

Além disso, deve se tomar cuidado para que os dispositivos de sombreamento sejam usados de maneira a evitar a penetração de radiação solar durante o verão e permitir sua entrada no inverno, aquecendo passivamente as salas. Nos telhados, a correta orientação, inclinação e isolamento aliada à ventilação cruzada devem ser estudados para se obter a melhoria nas condições de conforto no interior da edificação (BOGO et al., 1994).

Frequentemente é observada a tênue dependência entre as condições ambientais de quaisquer locais e seus aspectos arquitetonicamente implantados, de maneira a desviar impossibilidades para o conforto térmico. Um exemplo disso são regiões propícias à nevascas que devem ter seus telhados com muita inclinação, para que evite-se a concentração de neve e para que a exposição à radiação solar aumente (LAMBERTS et al., 1997).

A forma arquitetônica tem importante função além da estética, ocorre quando é incorporada ao edifício, uma dupla vantagem, que é a captação de iluminação natural, item associado à qualidade interna do ambiente e a redução do consumo elétrico, visto que os procedimentos para obter-se a luz natural reduzem a utilização de lâmpadas. (KEELER, 2010).

O autor ainda certifica que o máximo aproveitamento da iluminação natural, pelo intermédio do uso de chaminés de luz, claraboias, lanternins, reflexivos, etc, minimizam o consumo de eletricidade e executam práticas bioclimáticas. Para o autor, o *shed* é a alternativa de maior destaque nas soluções para a iluminação natural, pois difundem a iluminação zenital e a entrada de luz.

b) Implantação

Grzybowski (2004) afirma que a implantação pode ser tomada como componente primordial na aquisição de uma edificação termicamente mais confortável, visto que é pelo seu intermédio que se definem as faces que irão receber mais ou menos radiação solar e qual delas receberão correntes de ar.

Ademais, as particularidades naturais do terreno pretendem moderar as temperaturas excessivas e consolidar as condições climáticas, em virtude da qualidade básica e refletora das diferentes superfícies. A camada vegetal que se alastra pelo solo é responsável também por aumentar a umidade do ar, graças ao processo de evaporação das plantas bem como da redução da temperatura do ambiente, absorvendo parte da insolação e, as superfícies encontradas no meio urbano tendem ao aumento da temperatura, visto que a maioria delas é constituída de materiais que absorvem o calor. (ROMERO, 1988 apud ANDREASI, 2001).

A disposição da implantação é responsável também pela qualidade da iluminação natural, é recomendado que seja elaborado o projeto conforme um eixo principal Leste-Oeste, com fontes de luz natural em mais de um lado, plantas estreitas ao invés de profundas, melhorando assim a iluminação e diminuindo os ganhos de calor (KEELER, 2010).

c) Fechamentos

Abordando a temática das edificações, os elementos que delimitam termicamente os meios internos dos externos são os telhados, paredes, pisos, vidros, alvenaria ou outro material que lacre a estrutura, chamado de fechamento, podendo ser classificados como opacos ou translúcidos. A orientação do fechamento e sua posição determinará a exposição ao sol e, na medida em que seu tamanho for maior, mais quantidade de calor poderá entrar ou sair (LAMBERTS, et al., 1997).

Um bom exemplo disso é o que pode ser chamado de material com cobertura de alta emitância e refletividade que, reduz a obrigação por refrigeração na medida em que tal material reflete a radiação solar e re-irradia a energia solar que fora absorvida. (KEELER, 2010).

Para Lamberts et al (1997), a fonte de troca térmica quando da existência de diferença de temperatura entre superfícies é o fechamento opaco, onde o sentido do fluxo de calor ocorre da superfície mais quente para a mais fria, por exemplo de os pisos, lajes, coberturas e paredes. A cor da superfície, o material utilizado e o método construtivo interferem na eficiência da absorção térmica e na condutividade de calor. Todavia, nos fechamentos designados como translúcidos, como janelas, claraboias ou algum outro elemento transparente, é onde ocorrem as principais trocas térmicas, pois de modo distinto ao dos opacos, nestes, podem ser realizadas os monitoramentos das trocas de ar e, sua parte predominante na transição de calor sucede-se pela irradiação térmica.

d) Inércia Térmica

Conforme o pensamento de Lamberts et al. (1997), nas edificações onde os fechamentos são responsáveis por absorver calor durante boa parte do dia, seja da parte exterior quanto do lado interior, ocorre a condução de tal carga calorífica, uma parte da energia é mantida no interior do fechamento em detrimento da sua massa térmica e, quando do anoitecer, o calor que estava previamente armazenado é irradiado e devolvido para o ambiente interno, aquecendo-o e, assim, cumprindo o que é denominado como inércia térmica

Ainda com a ideia do autor referido, tal processo de troca de calor é um elemento de sucesso no conforto térmico para regiões de temperatura baixa e alta, visto que seria possível a elaboração de um ambiente em que no verão fique fresco e, no inverno, evite-se a perda de calor para o ambiente externo, preservando o calor no interior da edificação.

Elementos tecnológicos são parte da representatividade do poderio intelectual humano, de forma que as tecnologias aplicadas ao projeto serão definidas para a atenuação das questões ambientais, todavia, é importante enfatizar a relevância de se implantar um edifício de tal tipologia funcional inserida na trama urbana.

2.4 PLANEJAMENTO URBANO

Para Vargas (2006), a interferência em centros urbanos depreende avaliação de sua herança histórica e cultural, do caráter funcional bem como de sua posição relativa no cenário urbano, mas primordialmente, é necessário definir a razão pela qual se deva realizar a fundamental intervenção.

Em continuidade com as concepções do autor referido, existem pelo menos dois motivos para que se faça possível a ocorrência de uma intervenção inserida num centro urbano. Em primeiro lugar, busca-se um aperfeiçoamento das condições de vida para a população, um amparo à identidade cultural local, a busca pelo estabelecimento de atividades econômicas capazes de alavancar o entorno imediato. Uma segunda justificativa é embasada no intuito de inserção da cidade no turismo regional metropolitano.

Construir um centro histórico e cultural relaciona o ordenamento de um cenário a ser vendido, concebendo assim um símbolo que se relaciona analogamente e em concomitância com os objetos do espetáculo urbano. (NEVES, 2013)

Assim, de acordo com o pensamento de Carvalho (2010), é possível entender para que o planejamento traga vantagens para o turismo local, faz-se necessário uma reordenação espacial, adaptação dos elementos e reconfiguração da paisagem com a revitalização de prédios antigos e casarões, desenvolvimento de ocupações de cunho cultural, aprimoramento na infraestrutura urbana e de serviços, edição de roteiros atrativos que possam gerar oportunidades eficazes na valorização do patrimônio cultural.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquitetura é a representação material de preceitos culturais e artísticos de uma sociedade dentro de um limite temporal, é necessário que o ambiente projetado para tal função desenvolva no usuário um sentimento de identidade e deva ter por característica principal ser atrativo fisicamente e convidativo para que desperte a curiosidade das pessoas. A elaboração projetual de um Centro Cultural não é uma tarefa simples, tendo em vista a série de fatores que estão envolvidos nos bastidores de sua execução, para que um centro cultural atenda a sua demanda mais elevada, faz-se necessário um extenso estudo acerca da história e cultura local, tal tipologia arquitetônica deverá ser um modelo equilibrado a ser seguido, pois serve de aglutinamento dos preceitos humanos de uma forma geral, tornando-se assim um local voltado ao coletivo, onde a coletividade de ideais e fundamentos fazem-se presentes.

Tendo em vista a problemática ambiental vigente, um projeto sustentável tal qual um ecoedifício é uma premissa básica para promover a cultura em parceria com o meio ambiente. Um projeto arquitetônico relevante é aquele que é capaz de representar as particularidades culturais, econômicas, ideológicas, artísticas e tecnológicas através de suas representações internas de espacialidade e garantindo o acesso e a integração da comunidade como um todo. Com a utilização de tais premissas e preceitos elencados, no desenvolvimento deste tipo de edificação, o município incorpora com isso a linha de turismo cultural em seus programas lúdicos e recreativos.

4. REFERÊNCIAS

ADAM, R. S. **Princípios do ecoedifício: interação entre Ecologia, Consciência e Edifício**. São Paulo: Aquariana, 2001.

ANDREASI, W. A. **Avaliação do impacto de estratégias bioclimáticas na temperatura interna de edificações no Passo do Lontra, Pantanal do Estado do Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC., 2001.

ARGAN, G. C., **História da arte como história da cidade**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AVEZUM, André Luís. **Arquitetura ecológica e tecnologia no século XX: Base para o projeto arquitetônico sustentável** - São Paulo, 2007.

BOGO, A.; PIETROBON, C. E; BARBOSA, M. J; GOULART, S; PITTA, T; LAMBERTS, R. **Bioclimatologia Aplicada ao Projeto de Edificações Visando o Conforto Térmico**. Relatório interno nº 02/94, Núcleo de Pesquisa em Construção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994. Disponível em: <<http://www.labee.ufsc.br>>

CARPINTEIRO, Carlos. **Teorias do espaço educativo**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.



CARVALHO, Karoliny Diniz. Lugar de memória e turismo cultural: apontamentos teóricos para o planejamento urbano sustentável. **Cultur – Revista de cultura e turismo**, ano 04 - nº 01 - Janeiro/2010. Disponível em www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao7/artigo_2.pdf

CASTELNOU, Antonio Manuel Nunes; **Por uma arquitetura ecológica**. Terra e cultura, ano xviii, nº 35. Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2008.

COLI, J. **O que é arte**. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CMMAD. **Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CORBELLA, Oscar; YANNAS, Simos. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos: conforto ambiental**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

COSTA, Lucio. **Teoria das resultantes convergentes. Registro de uma vivência**. 2ª edição. São Paulo: Empresa das Artes, 1997.

EDUARDO, Agnaldo Adélio & CASTELNOU, Antonio Manuel Nunes. **Bases para o projeto de centros de cultura e arte**. Revista Terra e Cultura - Nº 45 - Ano 23, 2007. Disponível em: http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n45/terra_10.pdf

FROTA, A. B.; SCHIFFER, S.R. **Manual de Conforto Térmico**. 6ª ed. São Paulo: Studio Nobel, , 2003.

GALCERAN, M. M. **Sobre a problemática do espaço e da espacialidade nas artes plásticas**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1981. Disponível em: http://portal.anhembri.br/wp-content/uploads/dissertacoes_mestrado/dissertacao_mario-fernandes-da-silva.pdf

GRZYBOWSKI, G. T. **Conforto Térmico nas Escolas Públicas em Cuiabá – MT: Estudo de Caso**. 2004, Dissertação (Mestrado em Física e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá - MT 2004. Disponível em: www.pgfa.ufmt.br

KEELER, M. **Fundamentos de projeto de edificações sustentáveis**. Porto Alegre: Bookman, , 2010.

LAMBERTS, R.; DUTRA, L.; PEREIRA, F. O. R. **Eficiência Energética na Arquitetura**. 2ª ed. São Paulo: Prolivros, 2004. Londres: Thames & Hudson, 1997.

LIMA, M. **Percepção visual aplicada à Arquitetura e iluminação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda, 2010.

MASCARÓ, Lúcia. **Tecnologia & arquitetura**. São Paulo: Nobel, 1990.

MILANESI, Luís. **A Casa da Invenção: Biblioteca, Centro Cultural**. 4ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MUKARŮVSKÝ, J. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

NEVES, Renata Ribeiro. Centro Cultural: a Cultura à promoção da Arquitetura. **Revista Especialize On-line IPOG**. Goiânia. 5. ed. n. 005. 01/2013. jul. 2013. Disponível em: <http://www.ipoggo.com.br/revista-ipog/download/centro-cultural-a-cultura-a-promocao-da-arquitetura>.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. Edições Loyola, 2005.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, , 2003.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.



13º ENCONTRO
CIENTÍFICO CULTURAL
INTERINSTITUCIONAL

MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA

19, 20, 21 E 22 DE OUTUBRO DE 2015



SILVA, Mário Fernandes. **Centros culturais: análise da produção bibliográfica.** Dissertação (Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica da Hospitalidade da Universidade Anhembi) Morumbi, São Paulo - SP, 2013.

SIQUEIRA, Luciane. **A expressão sócio-cultural na imagem da arquitetura do ocidente de finais de séculos XIX e XX.** Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.012/896>>, 2001.

SPERLING, David Moreno. **O projeto arquitetônico, novas tecnologias de informação e o museu guggenheim de Bilbao.** Dep. de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2004

VARGAS, Heliana C. & CASTILHO, Ana Luis H. **Intervenções em Centros Urbanos: objetivos Estratégias e Resultados.** São Paulo: Manole, 2006.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura.** 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.